

Múltiplos olhares sobre a terapia de casal: ampliando caminhos com a Análise Bioenergética

Yara Falcao
Toscano¹

¹ Libertas Comunidade,
Clínica – Escola,
Recife-PE, Brasi.

Resumo: Este artigo discute a terapia de casal, conforme o uso das diversas terapias de família aplicadas a um subsistema específico (o casal), numa escuta sistêmica ou analítica psicocorporal, auxiliada por um trabalho fundamentado na Análise Bioenergética. Entendemos que as famílias compõem a sociedade, e que, os casais em todas as formas de arranjo e configurações são o ponto de partida da geração das famílias. Destarte, é importante que os casais possam entrar em contato com os seus corpos, as suas emoções e, os seus sentimentos em relação a si e aos seus companheiros e demais familiares, através do uso da terapia da Análise Bioenergética.

Palavras-chave: Análise bioenergética, Terapia de casal, Systemic Listening

Multiple views on couple Therapy: broadening paths with Bioenergetic Analysis

Abstract: This article discusses couple therapy, according to the use of the various family therapies applied to a specific subsystem (the couple), in a systemic or psycho-corporeal analytical listening, aided by a work based on Bioenergetic Analysis. We understand that families make up society, and that couples in all forms of arrangement and settings are the starting point of the generation of families. Therefore, it is important for couples to get in touch with their bodies, their emotions and their feelings towards themselves and their partners and other family members through the use of Bioenergetic Analysis therapy.

Keywords: Bioenergetics analysis, Couple therapy,

Introdução

Historicamente, muitas das abordagens da terapia de casal antecederam seus correlatos de terapia familiar. Dentre elas, a terapia cognitiva comportamental de casal, a terapia das relações objetais de casal, a terapia de casal focada nas emoções (NICHOLS e SCHWARTZ, 2007).

De acordo com Nichols e Schwartz, quando falamos de modelos integrativos na terapia familiar, defendemos a possibilidade de integração do uso de várias abordagens familiares e individuais, a depender dos problemas que desafiam cada família.

“algumas famílias responderão a intervenções comportamentais, enquanto outras precisarão de um foco mais profundo. Por que não considerar todo o espectro de psicoterapias, se necessário, em vez de supor que todos os problemas deveriam ser tratados apenas por uma abordagem?” ((NICHOLS e SCHWARTZ, 2007, p. 355).

Na contemporaneidade, surge a família pós-moderna ou contemporânea, conhecida no ocidente como família nuclear ou restrita, na qual a autoridade é cada vez mais problemática, uma vez que a família, ao longo da história, vem atravessando a decaída dos poderes patriarcais e modificando formas e objetivos. A busca de relações íntimas ou realização sexual não é mais um vínculo, para sempre, na medida em que divórcios, separações, recomposições, recasamentos vão se tornando mais frequentes.

Entendemos que cuidando dos casais, ajudamos a preservar a família, posto que ela, independentemente de suas novas constituições e apesar de todas as suas vicissitudes, poderá ser o porto seguro que restou aos sujeitos na atualidade (ROUDINESCO, 2003).

A diversidade dos relacionamentos levou os pessimistas a pensarem estar ameaçado o futuro das famílias e, conseqüentemente, o futuro da civilização. No entendimento deles, a civilização corre o risco de ser engolida, pelas desordens das relações homossexuais, bissexuais, clones, reprodução assistida, bebês de proveta... Porém, não há tanta novidade nesses comportamentos entendidos como desordens, apesar da forma inédita como vêm se manifestando e que, não impedem que a família

continue sendo reinventada e reivindicada. Como bem ressalta a autora abaixo sobre a família:

“único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar. Ela é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres, crianças de todas as idades, de todas as orientações sexuais e de todas as condições” (ROUDINESCO, 2003, p. 198).

A família, mesmo desafetada dos valores patriarcais, como o exército, a igreja, a nação, a pátria, o partido... do fundo de seu desespero, nos indica ter condições de se tornar um lugar de resistência à tribalização orgânica da sociedade globalizada. “E provavelmente alcançará isso – sob a condição, todavia de que saiba manter o um e o múltiplo de que todo sujeito precisa para construir sua identidade... A família do futuro deve ser mais uma vez reinventada” (ROUDINESCO, 2003, p. 199).

Na contemporaneidade a relação amorosa é vista como uma forma de reassseguramento do eu a partir do outro, porém numa proposta mais fluida, uma união num laço do eu com o outro formando um nós, mas não um nó! Um laço que poderá ser desatado se o sentimento amoroso não persistir...

A literatura psicanalítica que trata das relações amorosas ressalta que a escolha do cônjuge se origina na trama inconsciente familiar dos sujeitos parceiros. Na relação amorosa, se misturam histórias passadas e presentes, há uma reedição do romance familiar que poderá propiciar a elaboração de conflitos infantis, numa relação amorosa exitosa ou a projeção repetitiva desses conflitos na conjugalidade, levando ao desgaste ou fim da relação conjugal.

A despeito de todas essas considerações, assinala Féres (2001) que o casamento da contemporaneidade continua ocupando um lugar privilegiado na vida dos parceiros, mesmo com as características de individualidade do casal contemporâneo, o laço conjugal representa uma relação muito intensa na vida desses sujeitos, na medida em que cria uma determinada ordem, permitindo a ambos que a vida seja experimentada com mais sentido, principalmente, quando resguarda atenção à qualidade das relações interpessoais, de cada cônjuge, nos espaços de trabalho, amizades, lazer, etc. proporcionando que a relação se mantenha prazerosa e vantajosa para ambos.

A construção de uma conjugalidade no Brasil contemporâneo envolve duas dimensões muito importantes da vida: aliança e sexualidade. Não é algo fácil e simples, pois a aliança demanda relação de troca de bens: materiais, afetivos e simbólicos e a sexualidade incorpora um dos aspectos mais importantes da relação conjugal, que demanda desejo e amor (Luiz Carlos OSÓRIO e Maria Elizabeth Pascual DO VALE, org. 2009).

“Costumo dizer que todo fascínio e toda dificuldade de ser casal reside no fato de o casal encerrar, ao mesmo tempo, na sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade, ou seja, de o casal conter dois sujeitos, dois desejos, duas inserções no mundo, duas percepções do mundo, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal.” (Féres – Carneiro, 1998, p. 1).

A Terapia Familiar Sistêmica de Bowen

Segundo Bowen, a tendência de polarizarmos nossas necessidades de companhia e individualidade pode levar a vida a ser frustrante. Quando pressionamos um parceiro ou outro familiar a uma maior conexão, não respeitando a individualidade dele, poderemos fazer com que ele se afaste de nós. Desta forma, viveremos ciclos de aproximação e distanciamento. Aprender a lidar com essas pressões, conciliar essas polaridades, depende de quanto a pessoa aprendeu a lidar com suas próprias emoções.

De acordo com Bowen, é muito importante trabalhar a diferenciação do *self* dos membros do casal, isto é a capacidade de pensar e refletir e não responder automaticamente às pressões emocionais, internas ou externas, possibilitar a espontaneidade ao mesmo tempo do autocontrole. Também importante, identificar os “Triângulos Emocionais” que ocorrem nas relações familiares.

Quando um casal tem problemas que não consegue resolver, fica difícil conversar sobre essas questões que levam ao desgaste, então, ocorre um acúmulo de mágoas e raiva. É comum, uma terceira pessoa ser introduzida nessa relação, para escutar e reduzir as ansiedades. Poderá ser uma filha ou outro parente, envolvidos numa

tentativa de reduzir o conflito conjugal. A triangulação dentro da família deixará sair o vapor, mais congelará o conflito. Se essa terceira pessoa for o terapeuta, poderemos chegar, com mais facilidade, a uma solução para dissolver o conflito.

Na teoria sistêmica de Bowen, aplicada ao casal, as intervenções são feitas tanto no âmbito da compreensão como do comportamento. Os terapeutas bowenianos costumam começar acalmando os parceiros, facilitando para que acessem a diferenciação do *self*, e percebam que não é solução culpar um ao outro, e que se faz necessário a reflexão sobre os processos em que estão aprisionados, identificando triangularizações e polarizações de individualidade/companhia ou seja de afastamento e proximidade.

Os bowenianos não estão preocupados em mudar as pessoas ou em resolver seus conflitos, eles veem a terapia como uma oportunidade de os parceiros aprenderem sobre si mesmos e seu relacionamento, para que cada um possa assumir a responsabilidade pelo sucesso ou não de seus problemas conjugais e familiares.

Os terapeutas dessa abordagem desenvolvem um processo de investigação ativa, onde ajudam os membros do casal a ultrapassarem as culpas e acusações e enfrentarem os seus papéis em cada um dos problemas conjugais, observando os processos (padrões de reatividade emocional) e estrutura (rede interligada de triângulos).

Bowen, entendendo a família como uma rede multigeracional de relacionamentos, que molda as interações entre seus membros valoriza o uso do genograma, que poderá ser usado para observar experiências e repetições de tipos de relacionamentos e triangularizações entre os membros da família e destacar o papel de cada um nos problemas familiares conjugais.

A avaliação do genograma é feita pelo menos nas três últimas gerações: inicia-se com a descrição do problema apresentado; a seguir pede-se para o casal falar sobre a história do problema apresentado (com datas exatas); passando para a história da família nuclear (incluindo como o casal se conheceu, namorou, casamento e educação dos filhos, onde morou, quando se mudou, em relação à família ampliada) e finalizando com a história do nascimento dos cônjuges (posição entre os irmãos, fatos significantes da infância, funcionamento passado e atual dos seus pais, investigando acerca da família de origem de cada um dos cônjuges).

Nesse genograma, são incluídos e observados os conflitos, desligamentos, triangularizações, datas importantes (casamentos, nascimentos, mortes, divórcios, formaturas, viagens... enfim tudo que possa ter provocado choques emocionais positivos, ou não, no casal e na família).

No genograma, levamos em conta o aqui e agora relacionados aos marcos no tempo. Assim, o genograma é um desenho da árvore familiar que inclui informação acerca dos integrantes da família e de seus relacionamentos ao longo de pelo menos três gerações.

Os boweneanos não dão muita ênfase a técnicas terapêuticas ou a intervenções formulistas, para eles, as perguntas no processo e, especificamente, as destinadas a indagar o que a pessoa sente diante das questões que incomodam são “a pílula mágica na terapia”.

A Terapia Familiar Estrutural

A Terapia Familiar Estrutural poderá ser útil quando o casal, com frequência, traz questões onde os indivíduos que se influenciam de maneiras imprevisíveis e poderosas um ao outro, ou apresentam dificuldades nas mudanças de ciclo da vida. (NICHOLS e SCHWARTZ, 2007).

Segundo Minuchin, principal representante da terapia Estrutural, a estrutura familiar e as crenças se apoiam e se reforçam, e a única maneira de atingir uma mudança duradoura no casal é desafiar ambas.

Para Minuchin os terapeutas devem sair dos problemas familiares conjugais, e/ou dos indivíduos e se fixarem na dinâmica do casal, nas interações entre eles. Para isso, três constructos são essenciais (NICHOLS e SCHWARTZ, 2007):

1. Verificar a estrutura familiar: quem é responsável pelo que nas tarefas cotidianas;
2. Saber que expectativas cada membro do casal tem do outro;
3. Lembrar que as funções familiares são moldadas em parte por questões universais, adultos cuidam e têm poder sobre as crianças, questões culturais, e

também por questões que não se sabe a origem, os parceiros vão se adaptando e tendem a ter funções recíprocas, que se tornam tão entranhadas, que sua origem é esquecida. Problemas poderão surgir quando essas funções parecerem ser necessárias e não mais opcionais, para o casal... Isso pode gerar muito desconforto, em pelo menos um dos membros do casal.

A terapia Estrutural tem como objetivo alterar a estrutura dos parceiros para que eles possam dar conta de seus problemas. O terapeuta familiar reúne-se com o casal para ajudar seus membros a mudarem a sua estrutura, a realinhar fronteiras. O terapeuta não resolve o problema, essa é obrigação do casal, ele ajuda a modificar o funcionamento, mudando a estrutura e a mudança poderá ter como resultado a resolução da questão familiar.

Terapia Familiar Psicanalítica

Os terapeutas familiares e de casal se deram conta que era um erro dar costas à psicologia profunda, mesmo a despeito das verdades descobertas sobre as interações sistêmicas. *Pois “Quem não foge da autoconsciência sabe que a vida interior está cheia de conflitos e confusão, e que a maior parte nunca é expressa” (Nichols e Schwartz, 2007, p. 225).*

Quando atendemos um casal, estamos diante de três subjetividades. Duas subjetividades na direção e constituição de um terceiro Eu. A conjugalidade implica no entrelaçamento de dois “Eus”, uma identidade compartilhada, com dois responsáveis e comprometidos com tudo que acontece de bom e de ruim nessa relação. (Regina Vaz).

A maioria dos terapeutas familiares vê a família ou o casal como uma unidade, mas para os psicanalistas o funcionamento individual, de cada um dos parceiros, será sempre mais importante que o do todo.

Os psicanalistas veem as primeiras experiências infantis como a explicação de problemas posteriores nos relacionamentos e em especial nos conjugais. As relações

primárias com a figura de poder, paterna ou materna, vão influenciar as relações futuras com o parceiro, mais do que se possa perceber conscientemente.

O trabalho com casais poderá ser feito em processos de terapia breve, em dez sessões quinzenais nas diversas abordagens. Preferencialmente, com dois terapeutas e, com, ou sem equipe reflexiva, no caso no modelo sistêmico. Porém, no trabalho com casais, com a aplicação do modelo psicanalítico o tempo será maior: *“Geralmente de um a dois anos de terapia, uma vez por semana, é o tempo necessário para trabalhar o sistema familiar de fantasias inconscientes compartilhadas por membros da família.”* (Dicks, 1967, apud Callil (1987, p. 130)). Não esquecendo que os terapeutas de casal e família necessitam tolerar as projeções do grupo familiar e a tarefa desenvolvida nesse trabalho é facilitada e enriquecida com a adoção de coterapia individual, recomendável, mas não imprescindível.

Modelo Sistêmico de Tom Anderson

Quando for possível trabalhar em equipe, poderemos adaptar o modelo Sistêmico de Tom Anderson (1991) para terapia de casal, esse trabalho poderá facilitar o combate à paralização do sistema conjugal frente a dificuldades nas relações familiares.

Observações a serem feitas no processo sistêmico familiar para casais: o uso da equipe reflexiva como forma de pensar e não como um método, “não existe nem a maneira certa nem a errada de trabalhar, existe tanto uma quanto outras maneiras; as novas ideias não devem vir impositivamente de fora do sistema conjugal, sob pena de não se desenvolverem com facilidade; os terapeutas devem dar maior ênfase às entrevistas; à gentileza no trato com o casal e dar mais importância às perguntas formuladas que às sugestões interventivas imaginadas; para retirar os parceiros da paralização frente aos problemas e dificuldades: dar maior ênfase à importância do caminho para o objetivo que ao próprio objetivo; ao ouvir a forma de pensar da equipe reflexiva, os terapeutas saberem que são apenas uma das partes responsáveis, não “os” responsáveis pelo processo; desapegar da exatidão, permitir a construção de novos

caminhos intuitivamente: sentimento acima do pensamento lógico; lembrar que quem se apega a uma versão, sempre entrará em conflitos. A imagem que a pessoa guarda consigo é o resultado das distinções feitas pelo descritor... Devemos considerar que sempre existe mais a se ver daquilo que é visto por alguém. Não há uma história e uma imagem corretas!!!

Tom Anderson ressaltou também a importância da observação corporal do casal em trabalho sistêmico, quando considerou a respiração como algo inseparável das emoções e dos movimentos do corpo. Peito tenso, pode significar que a pessoa tende a limitar as emoções, pois pessoa tende a limitar a respiração pela não inalação percebendo o ambiente como algo ameaçador. Isso pode ser observado pelos músculos fletidos que se curvam: do pescoço, cotovelo, ombros, quadris, parte da frente do tronco, joelhos, etc mais os músculos de expressão: da face, do maxilar, da língua, e parte frontal do pescoço. Alongar esses músculos permite a inalação e, consequentemente a expressão das emoções (ANDERSON, 2002.)

O terapeuta poderá usar as mãos para esses alongamentos. Por outro lado, tem que observar até quando e quanto pode fazer. A força colocada vai depender da observação, pelo olhar, da musculatura do peito de quem queremos alongar: qualquer redução na respiração será considerada hora de retirar as mãos.

De acordo com Maturana e Varela: uma pessoa só pode ser o que ela é, só pode reagir a uma determinada situação com uma das formas que já tem em seu repertório. Mas, esse repertório pode ser mudado ao longo do tempo. Se a mudança é incomum demais ou rápida demais, a pessoa se fecha, para preservar a organização de sua integridade. Corporalmente, isso é visto com o fletir os músculos e prender a respiração, para observarmos isso, devemos dar um andamento lento à conversa (ANDERSON, 2002).

Nos processos sistêmicos reflexivos, não podemos esquecer a nossa responsabilidade pelo que nos sensibiliza – sou responsável pelas minhas descrições e pelo significado que dou a elas, e por minhas palavras e atos, não sou responsável pelas descrições e significados que as pessoas dão a minha fala e também não sou responsável pelas falas de outros que chegam até meus sentidos.

Casais Ampliando Caminhos com Auxílio da Análise Bioenergética

Lowen não fez alusões diretas à terapia de casais, mas ele nos diz que o amor é imprescindível para o bem-estar físico e emocional. Para Lowen, o amor pode ser considerado uma atitude, um ato e deve ser visto também como uma sensação e assim, o seu processo fisiológico deverá ser entendido como aquele que pode intensificar o bem-estar do organismo, trazendo prazer e alegria ao verdadeiro EU, nosso *Self* (LOWEN, 1910).

A terapia na análise bioenergética trabalha na integração da razão, do ego ao *self*, ao corpo. Lowen entende que a vida emocional se vincula ao bem-estar físico, assim como a saúde física está na dependência do bem-estar emocional. (LOWEN, 1910).

O amor para Lowen não se limita ao amor sexual entre as pessoas, ele existe onde houver prazer e desejo de proximidade ... “Amar é se sentir ligado” (LOWEN, 1910).

Para Lowen, o amor no âmago da vida, significa o impulso “ir em busca de”. Se vier uma resposta negativa a este impulso, sentiremos naturalmente raiva. Se manifestada a raiva, conseguiremos resgatar o impulso amoroso, que nos assegura o bem-estar e a possibilidade da relação amorosa. Mas, se a raiva for suprimida como ocorre na desconexão com o sentir, o amor pode se transformar em ódio, medo... O mal-estar se instala nas relações sem entendermos o porquê, pois essas emoções podem estar encobertas por “courageiras” (YARA, 2016).

A repetição, das experiências encobridoras, poderá transformar as tensões em courageiras, que bloquearão o fluxo energético, impedindo o contato com as emoções e novas experiências amorosas entre o casal.

O desafio de acessar as emoções passará pela necessidade de remover as tensões corporais, obstáculos à assimilação do sentir. O trabalho corporal que aproxima as pessoas do sentir, da autopercepção é muito facilitado pela Análise Bioenergética, pois Lowen colocou o *self* corporal como centro do processo terapêutico, enfatizando seu aspecto relacional (Gabriella Buti ZACCAGNINI, 2015).

As tensões transformadas em coraças são difíceis de trabalhar somente de forma analítica verbal, pois sua origem está encoberta pela negação dos sentimentos. As tensões dos sistemas musculares voluntários estão sob o controle do ego e podem ser trabalhados com a ajuda de uma abordagem que inclua o corpo em seu fazer clínico, buscando a unidade pensar-sentir, como a Análise Bioenergética.

“Bioenergética é também uma forma de terapia que combina o trabalho com o corpo e com a mente para ajudar as pessoas a resolverem problemas emocionais e melhor perceberem o seu potencial para o prazer e para a alegria de viver (LOWEN. 1985.p.11) .

A dualidade entre o pensar e o sentir dificulta as relações conjugais, muitas vezes, a cabeça contraria os desejos do coração e cria uma oposição entre a consciência e o sentir, quando na verdade, se os cônjuges fossem pessoas integradas teriam a relação cabeça-corção pacificada: *o coração lhes diria o que fazer e a cabeça lhe diria a melhor forma de fazê-lo.* (LOWEN, 1910, p. 178).

Segundo Lowen, o *self* natural ou corporal está enterrado no coração, sob várias camadas de tensões que representam os sentimentos reprimidos.

Para os parceiros desfrutarem de uma relação plena, de um corpo desbloqueado, que permita o livre fluir da energia vital - maravilha que proporciona vida: à cognição, aos sentimentos, às emoções, à sexualidade e à espiritualidade, os parceiros devem realizar uma viagem de volta no tempo, até seus primeiros anos de vida, uma jornada difícil por que pode despertar recordações que evocam sentimentos assustadores ou dolorosos.(CORREIA & ALVES, 2009/2015). “Mas, conforme o recalque vai sendo removido e a repressão dos sentimentos diminuída, o corpo vai lentamente recobrando sua plena vitalidade” (LOWEN, 1977. P. 24).

Livre dos bloqueios “No encontro com o outro, os parceiros chegam à dependência pelo amor, necessidade intrínseca à falta, tentando a escolha consciente de um parceiro com motivações inconscientes e o permanente mistério incessante da busca amorosa”. (LIMA e LACERDA, 2009).

Para encarar os medos e perigos dessa viagem, os parceiros precisam da ajuda de um guia, um terapeuta que tenha concluído essa viagem em seu próprio processo de autodescoberta, e que os acompanhe nesse desafio (LOWEN, 1997).

“Nenhum terapeuta pode mudar um paciente mais do que o paciente pode mudar a si mesmo. A mudança terapêutica é um processo de crescimento e integração que resulta do que o paciente aprende e vivencia através do processo terapêutico” (LOWEN, 1997. P. 72)

Quando o objetivo é recuperar no casal a força da paixão que fortalece, nutre e alegria a vida conjugal, a Análise Bioenergética nos encaminha para trabalhar a expressão da agressividade e processos agressivos do casal, visando restaurar a espontaneidade. Uma vez que não haverá intimidade verdadeira se os parceiros não encontrarem espaço na relação para protestar.

Ao tolherem a expressão de suas emoções agressivas, os parceiros mesmo não brigando, tornam-se distantes, não haverá intimidade e uma pseudo harmonia levará ao desapontamento e raiva, sem identificação da sua origem, que poderá destruir a relação.

De acordo com Jorge Clauer, apud Silvana Oliveira, a Análise Bioenergética pode oferecer uma experiência sensorial, no nível não verbal para o verdadeiro *self* individual dos cônjuges, trata-se de levar os parceiros a saírem do racional e poderem, através de afirmações corporais, dizer sim ou não a depender da verdade do seu *self*.

Lowen, com a Análise Bioenergética, não direcionou práticas exclusivas para casais, mas poderemos nos valer de seguidores dele, como Shapiro, Bowlby e Ana Hass que nos deixaram técnicas de como trabalhar corporalmente, de forma a não estressar o casal, com os desgastes das intervenções verbais, quando tratarmos da tristeza e da dor.

Para fazer uso dessas intervenções corporais, deveremos fazer a leitura energética do casal: os parceiros precisam descarregar ou acumular energia? Partindo de questões simples do tipo: quando foi a última briga? Quando foi a última relação sexual? Como resolveram as diferenças? Pois casais passivos, precisarão de exercícios de carga; casais agressivos precisarão de atividades corporais de suporte e limites.

O apego seguro nas relações conjugais, assim como nas relações primárias, permite autonomia na relação, fortalecimento do contato com o *self* e a possibilidade de expressão das emoções. Se a raiva, por exemplo, não encontrar espaço expressivo, ou for expressa de maneira hostil, a sexualidade será bloqueada.

Há o entendimento de que a sexualidade satisfeita possibilitará o manejo dos conflitos e possibilitará a reconciliação dos parceiros. (Jorge CLAUER, apud Silvana OLIVEIRA).

Sem a possibilidade de expressão das emoções, sentimentos infantis de raiva e agressividade recalcados podem assumir o controle da relação, e aí teremos um jogo entre perseguidor e vítima.

Considerações Finais

Como terapeutas de casal, precisamos abrir mão de posições conservadoras, tanto em relação ao uso das psicoterapias, utilizando quando possível e pertinente mais de uma forma de abordagem que possa dar conta das dificuldades e problemas trazidos pelo casal, como também estar abertos à diversidade de motivações e possibilidades de formação/separação de casal na contemporaneidade, independente de gênero, etnia, classe social, nível de instrução, religião, profissão etc. Buscando as condições que favoreçam a criatividade do casal na organização de uma forma singular e possível de se relacionar.

Importante procurar maximizar as capacidades dos parceiros, na construção de estruturas familiares que funcionem bem, permeadas por processos de colaboração, respeito mútuo e respeito às necessidades especiais de cada cônjuge.

Para o terapeuta, não existe o certo e o errado, procura-se identificar a emoção envolvida numa situação. O que gera comportamento é a emoção, e será ela, que analisaremos e interpretaremos integrando possibilidades de expressão através da Análise Bioenergética para ressignificação e atualização ... não o comportamento!

Para a escuta analítica, a formação do casal funda-se na escolha amorosa inconsciente dos cônjuges. Os parceiros reativam no encontro amoroso suas vivências edípicas e pré-edípicas não resolvidas, isso poderá ser muito doloroso e desgastante. A escolha amorosa poderá ocorrer em torno de fragilidades, parceiros que buscam complementar suas faltas, se decepcionam, se desentendem, formam e fazem sintomas!

Até se compreenderem inteiros, com suas possibilidades e faltas, e que o outro será sempre o outro, e não sua complementação.

Entendemos que as famílias compõem a sociedade, e que, os casais em todas as formas de arranjo e configurações são o ponto de partida da geração das famílias. Destarte, é importante que os casais possam entrar em contato com os seus corpos, as suas emoções e, os seus sentimentos em relação a si e aos seus companheiros e demais familiares, através do uso da terapia da Análise Bioenergética, conquistando possibilidade de formarem famílias mais saudáveis e assim criarem possibilidades de termos uma sociedade mais natural, humana e feliz.

Referências

ANDERSON, T. *Processos Reflexivos*. Rio de Janeiro. Instituto de Terapia de Família-RJ. 2002. 2ª Edição.

CALIL, V L L. , In: *Terapia familiar e de casal: introdução às abordagens sistêmica psicanalítica*, São Paulo: Summus, 1987.

CLAUER, J apud Oliveira S, In: *Trabalhos clínicos com Análise Bioenergética*, 2017.

LACERDA, J; Lima, F A (orgs.). *Poesia no corpo: reflexões à luz da análise bioenergética*. Recife: Libertas, 2009.

LIMA, F A e Sacerdote, A In: *Aulas Libertas e estágio Horizonte*, 2016/2017.

LOWEN, A. *Exercícios de bioenergética: o caminho para uma saúde vibrante*. 8ª Edição. São Paulo: Ágora, 1985.

_____, Alexander. *Bioenergética*. São Paulo: Summus, 1910.

NICHOLS, M P.; Schwartz, R C., *Terapia familiar, conceitos e métodos*, Artmed Editora S.A. 2007.

ROUDINESCO, E, 1944- *A família em desordem*, Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SEVERINO, R L. *Casais construindo seus caminhos: a terapia de casal e a família de origem*, In: *Famílias e terapeutas, construindo caminhos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.



TOSCANO, Y F. *Empoderamento da mulher na pós-modernidade*, In: *Análise Bioenergética: múltiplos olhares na contemporaneidade*. Recife: Libertas, 2016.

ZACCAGNINI, G B, In: *Múltiplos saberes em psicologia corporal: análise bioenergética*. Recife: Editora Libertas, 2015.

